

Vozes castelhanas na tradição portuguesa (textos metagramaticais e metaortográficos)

Sónia Duarte

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Abstract:

This paper briefly depicts the presence of Spanish authors on Portuguese grammars and orthographies up to the 19th century, by exposing and analysing the most significant data conveyed by the texts. Bearing in mind the theoretical framework known as *the language issue in Portugal*, this essay attempts to determine which Spanish bibliographical sources were known to the Portuguese tradition and interpret their meaning concerning the level of familiarity with the Spanish tradition, as well as the point of view of Portuguese authors on those same sources.

Keywords: Portuguese grammar, Portuguese orthography, Spanish sources, 16th century, 17th century, 18th century, 19th century.

Palavras-chave: gramática portuguesa, ortografia portuguesa, fontes espanholas, séc. XVI, séc. XVII, séc. XVIII, séc. XIX.

1. Enquadramento metodológico e definição do objeto de estudo

Como já foi desenvolvido em Duarte (2010), os estudos historiográficos de interface entre as tradições metalinguísticas portuguesa e espanhola não se encontram ainda plenamente desenvolvidos, seja qual for o lado da fronteira em que nos situemos. Contudo, trata-se de uma área que, nas duas últimas décadas, se tem vindo a desenvolver muito significativamente, graças ao valioso contributo de alguns investigadores de ambos os países.

Os seus trabalhos – e, pela perspetiva assumida, especialmente Vázquez Corredoira (1998), Gonçalves (2000), Rodríguez (2005), Ponce de León Romeo (2006) e García Martín (2007) – motivaram, alimentaram e serviram de referente metodológico a um estudo que tenho vindo a desenvolver, na área da historiografia linguística, acerca da informação sobre a língua e a tradição metalinguística espanholas em textos gramaticográficos e ortográficos portugueses anteriores à publicação da primeira gramática de espanhol em Portugal (Peixoto 1848).

Desse estudo mais amplo resulta o presente trabalho, o qual incide sobre um *corpus*



constituído pelas gramáticas e ortografias do português, redigidas em português, por autores portugueses e publicadas em Portugal anteriormente a 1848.

O objeto de estudo, contudo, não é o português, mas sim o castelhano, e, mais concretamente, a informação explícita que tais textos oferecem sobre as suas fontes castelhanas, informação essa, através da qual se procurará dar aqui um contributo para a compreensão da repercussão dos autores espanhóis na tradição metalinguística do português.

A opção por circunscrever o estudo aos tratados gramaticais e ortográficos, não considerando tipologias como a lexicográfica ou a apologética, prende-se com o facto de que as duas tipologias selecionadas para este trabalho se encontram intimamente ligadas na tradição portuguesa. Como refere Gonçalves (2003: 790), “boa parte das obras compulsadas na historiografia linguística portuguesa ou tratam especificamente da questão gráfica ou lhe consagram uma das suas secções”. Aliás, não é invulgar encontrar autênticos tratados gramaticais dentro de ortografias ou vice versa, ou algumas obras gramaticais e ortográficas de um dado autor publicadas conjuntamente num mesmo volume ou até como duas partes de uma mesma obra. Por vezes, como se conclui, chega mesmo a tornar-se difícil separar uma tipologia da outra.

Observe-se ainda que o filtro que prevalece na constituição do *corpus* assenta fundamentalmente num fator que hoje concebemos e definimos como *nacionalidade*¹. A tal opção subjaz o esquema epistemológico definido, nos estudos de Stegagno-Picchio (1959) e de Buescu (1983), como a *questão da língua em Portugal*. Trata-se, como é sabido, de um conceito originalmente aplicado ao século XVI e que conforma, num quadro de diglossia e competitividade, a relação entre o português e o castelhano. Como tal, a definição do *corpus* de acordo com estes critérios assume implicitamente a hipótese de que tal quadro teórico tenha tido implicações para além do quadro cronológico estrito que lhe corresponde e que não coincide inteiramente, como já ficou claro, com o deste estudo.

As balizas temporais deste trabalho estendem-se de 1540 a 1848. Ou seja, arrancam nos inícios do processo de gramatização do português (assinalado aqui pela gramática de João de

¹ A utilização anacrónica do termo implica, naturalmente, uma simplificação conceptual, já que aqui este se aplica maioritariamente a um *corpus* anterior à criação do que se veio a conhecer como *estados-nação* e, inclusivamente, coincidente, em parte, com o período da monarquia dual.



Barros, considerada por vários autores como a primeira gramática do português *stricto sensu*²) e encontram o seu termo no momento em que é editado aquele que, como já ficou dito, é conhecido como o primeiro tratado gramatical do espanhol para um público lusófono: a *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes*, editada por Nicolau Peixoto. De 1848 em diante, torna-se possível procurar informação sobre a língua espanhola e as fontes espanholas, a partir de um olhar português, em textos que assumem o espanhol como língua meta. Contudo, conforme já foi desenvolvido em Duarte (2008: V-IX), anteriormente a essa data, o panorama editorial concernente ao castelhano é profundamente incipiente. Como tal e como se procurará evidenciar aqui, a tradição metalinguística portuguesa, oferece-se como campo alternativo a explorar sobre essa matéria, partindo do pressuposto, amplamente generalizado, de que, até ao século XVIII, o castelhano teve em Portugal um estatuto particular, no quadro de uma situação que alguns investigadores descrevem como *bilinguismo* e outros como *diglossia*, opção que, aliás, é também a deste estudo.

Para efeitos do presente artigo, tal quadro temporal organizar-se-á em três períodos – i) do século XVI a finais do XVII; ii) de inícios do século XVIII a 1779; de 1779 a 1848 –, tendo por referência a periodização proposta por Leite de Vasconcellos (1929) para a história da filologia portuguesa e latino-portuguesa³.

2. O corpus

O *corpus* resultante consta, no total, de trinta e quatro textos identificados seguidamente.

Gramáticas

1540. *Grammatica da lingua Portuguesa* de João de Barros.

² É conveniente aludir aqui à polémica que, praticamente desde 1540, se desenvolveu em torno da consideração (ou não) da obra de Barros como a primeira gramática do português, já que tal estatuto, como é sabido, tem sido disputado pela *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (Lisboa 1536) de Fernão de Oliveira. Tal discussão ultrapassa os limites que merece neste estudo, pelo que, para mais informação sobre a mesma, remete-se para, entre outros trabalhos, Buescu (1971: LXXVI-LXXVII), Schäfer-Prieß (no prelo: 1.1.6) ou Franco & Silvestre (2012: 7).

³ Tal proposta estabelece quatro grandes períodos, dos quais aqui interessam fundamentalmente o segundo e o terceiro: “[...] o 2º vai desde os princípios do século XVI até 1779, ano da fundação da *Academia Real das Ciências* de Lisboa; o 3º desde esta data até o S.^{or} Francisco Adolfo Coelho, que inaugurou em 1868 os novos métodos [...]” (Vasconcellos 1929 IV: 860). Cumpre observar que, dentro do que se define como o segundo período, Vasconcellos (1929: IV, 865) distingue dois momentos: i) do séc. XVI a finais do séc. XVII; iii) de inícios do séc. XVIII até 1779). Assumindo esta distinção, o presente estudo cobre, portanto, o segundo e parte do terceiro períodos estabelecidos por Leite de Vasconcellos.



1721. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza* de Caetano Maldonado da Gama.
1770. *Arte da Grammatica da lingua portugueza* de António José dos Reis Lobato
1783. *Grammatica Philosophica, e Orthographia Racional da Lingua Portugueza* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar
1792. *Methodo Grammatical Resumido da Lingua Portugueza* de João Joaquim Casimiro
1799. *Rudimentos da Grammatica Portugueza* de Pedro José da Fonseca
1804. *Grammatica Portugueza* de Manuel Dias de Sousa
1806. *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza* de António de Morais Silva
1812. *Memorias Curiosas para a Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão
1818. *Gramática Filosófica da Linguagem Portuguêsa* de João Crisóstomo do Couto e Melo
1820. *Grammatica, Orthographia e Arithmetica Portugueza, ou Arte de Falar, escrever e contar* de Manuel Borges Carneiro
1824. *Resumo de Grammatica e Orthographia da Lingua Portugueza* de Luís Gonçalves Coutinho
1822. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* Jerónimo Soares Barbosa
1827. *Grammatica Portugueza em Analogia com as Linguas de que Toma Origem, principalmente Latina e Grega* de Jaulino Lopes Arneiro
1841. *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por systema philosophico* de João Nunes de Andrade
- 1854⁶ [1841]. *Compendio elementar da Grammatica Portugueza* de Carlos Augusto de Figueiredo Vieira
1844. *Principios de Grammatica Portugueza* de Francisco Andrade Júnior

Ortografias

1576. *Orthographia* de Duarte Nunes de Leão
1631. *Orthographia ou Arte para escrever certo na lingua Portuguesa* de Álvaro Ferreira de Vera



1666. *Regras Gerays, breves, & comprehensivas da melhor orthografia* de Bento Pereira
1671. *Orthografia da Língua Portuguesa* de João Franco Barreto
1734. *Orthographia, ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa* de João de Moraes Madureira Feijó
1736. *Orthographia da Lingua Portugueza* de Luis Caetano de Lima
1767. *Compendio de Orthografia* de Luis do Monte Carmelo
1769. *Breve Tratado da Orthographia* de Domingos Dionísio Duarte Daniel
1783. *Orthographia Portugueza, ou Regras para escrever certo, ordenadas para uso de quem se quizer applicar* de Francisco Félix Carneiro Souto-Maior
1788. *Arte ou Novo Methodo de ensinar a ler por meio da Estampa, a que se prepoim hum novo systema da sua orthografia* de Francisco Nunes Cardoso
1790. *Arte da Orthografia Portugueza conforme o novo systema* de Francisco Nunes Cardoso
1807. *Noções sobre a Ortografia da Lingua Portugueza* de Joaquim José Caetano Pereira e Sousa
1809. *Rudimentos da Orthographia Portugueza* de Pedro José da Fonseca
1818. *Tratado de Orthographia Portugueza deduzida das suas tres bases, a pronunciação, a etymologia e o uso dos doutos, e accomodados a inteligencia das pessoas que ignoram o grego e o Latim* de Rodrigo Ferreira da Costa
1826. *Breve Tractado da Orthographia* de Joaquim Pereira Codesso
1834. *Orthographia da Lingua Portugueza, reduzida a regras geraes e especiaes, etc. com um appendice, e um novo methodo de ensinar e aprender a ler o portuguez* de Joaquim José Ventura da Silva
1844. *Ensaio sobre a Ortographia Portugueza* de Carlos Augusto de Figueiredo Vieira

Curiosamente, os textos distribuem-se de forma equitativa entre as duas tipologias selecionadas (dezassete textos de cada tipo). Convém advertir que ficaram excluídos do *corpus* um total de dezoito obras que, embora cumprindo os critérios estabelecidos, não oferecem dados sobre el castelhano. Excetuados esses textos, o *corpus* resultante corresponde à totalidade dos



tratados metagramaticais e uma parte muito representativa dos tratados metaortográficos que, cumprindo os critérios anteriormente apresentados, foram publicados em Portugal durante este período, de acordo, fundamentalmente, com o conhecimento que dessa produção editorial nos permite ter o inventário bibliográfico de Simão Cardoso (1994)⁴.

No que concerne à sua repartição cronológica, como se conclui da observação dos dados expostos seguidamente, tais textos estão fundamentalmente concentrados no terceiro período estabelecido.

| Periodização | Gramáticas | Ortografias | Total |
|-----------------------------------|-------------------|--------------------|--------------|
| Do século XVI ao final do XVII | 1 | 4 | 5 |
| De inícios do século XVIII a 1779 | 2 | 4 | 6 |
| De 1779 a 1848 | 14 | 9 | 23 |
| TOTAL | 17 | 17 | 34 |

Os dados que seguidamente se apresentarão – e que foram corroborados pela informação estritamente linguística recolhida em Duarte (no prelo) – demonstram que é precisamente nesse terceiro período – aquele que mais se aproxima do início da publicação em Portugal de materiais gramaticográficos especificamente sobre o castelhano –, que se verifica uma atenuação da presença visível deste idioma nos textos metalinguísticos do português. Tal acontece apesar de um aumento objetivo do número de textos com referências ao castelhano dentro desse intervalo. O referido aumento, contudo, também merece relativização do ponto de vista da perspectiva que aqui se assume, já que, como se sabe, está sobretudo relacionado com fatores técnicos e sociológicos atinentes às circunstâncias de produção e difusão de livros.

⁴ É oportuno esclarecer que o desequilíbrio, no plano da exaustividade, entre gramáticas e ortografias, decorre essencialmente da incapacidade para recolher (especialmente num estudo desta natureza e dimensões) a totalidade da profícua produção ortográfica do século XIX, limitação que, aliás, já foi sentida e denunciada por outros investigadores (Kemmler 2001: 251-252; Gonçalves 2003: 238-239) no quadro, respetivamente, das suas dissertações de mestrado e doutoramento, exclusivamente dedicadas à tradição ortográfica portuguesa.



Por último, importa vincar que a dimensão do corpus estudado neste artigo colide com os constrangimentos de extensão de um trabalho desta natureza, pelo que poderá haver alguma frustração das expectativas criadas com o título deste estudo. Com efeito, não se ouvirão aqui as vozes aludidas ou as vozes dos que sobre elas falam, mas apenas os seus nomes, numa abordagem que não pretende muito mais do que medir a sua presença e comentar brevemente o seu significado. O desenvolvimento destas questões está, contudo, a ser tratado por mim noutra espaço, no âmbito de um projeto doutoral em curso⁵.

3. As fontes castelhanas

Passando especificamente aos dados sobre as fontes castelhanas, seguidamente tratar-se-á por separado de cada uma das duas tipologias textuais aqui consideradas: gramáticas e ortografias.

3.1. Nas gramáticas

Começando pelos tratados metagramaticais, o quadro n.º 1⁶ apresenta, em modo de visão panorâmica, o inventário e distribuição do número global de referências a fontes espanholas por autor do *corpus* e por período, concluindo-se que é nos dois últimos períodos, e mais especificamente nos textos de Lobato e de Barbosa, que encontramos mais referências aos autores espanhóis.

Já no quadro n.º 2, encontramos discriminadas quais as fontes espanholas que surgem em cada texto do *corpus*. Quaisquer divergências entre os números apresentados nos dois quadros decorrem de que o primeiro considera globalmente o objeto das passagens em que são citados autores espanhóis, contabilizando como uma única referência aquelas que nomeiam mais de uma fonte espanhola. Advirta-se também que, no quadro n.º 2, foram igualmente considerados autores de obras não metalinguísticas, já que delas se servem os gramáticos e ortógrafos portugueses para extrair informação linguística ou, pelo menos, para apoiar os seus comentários linguísticos.

⁵ Trata-se do projeto de doutoramento financiado pela *Fundação para a Ciência e Tecnologia* (SFRH/BD/74989/2010) e inscrito com o título *La lengua y la gramaticografía españolas desde la historiografía gramatical portuguesa (1623-1848)*, no *Departamento de Filología Hispánica y Clásica de la Universidad de León* e orientado por María Dolores Martínez Gavilán.

⁶ Em resultado da sua configuração e dimensão os quadros que reúnem os dados recolhidos neste estudo encontram-se reunidos num apêndice final. Cf. Anexo.



O número total de autores citados é de treze e, dado que entre os séculos XVI e XVII quase não há referências a fontes castelhanas, a maioria dessas fontes reporta-se a textos publicados entre o século XVII e XVIII, embora, como põe em evidência Schäfer-Prieß (2005), por essa altura, no tocante à sua projeção sobre outras tradições, a influência metalinguística castelhana tenha já sofrido a concorrência dos modelos franceses em ascensão. Apesar disso, curiosamente, o autor mais citado, Francisco Sánchez de las Brozas (o Brocense) não pertence ao âmbito cronológico predominante. O Brocense e a *Real Academia Española* (RAE), fundada em 1713, são as entidades mais vezes citadas, mas o primeiro é também aquele que é citado por mais autores. No caso das publicações da RAE, com destaque para a sua gramática (*GRAE*) e ortografia (*ORAE*), as menções estão circunscritas a dois gramáticos do *corpus*. Assim sendo, estes dados estão em sintonia com a informação disponibilizada por Ponce de León Romeo (2006) sobre o notório enraizamento destas fontes na tradição gramaticográfica portuguesa e latino-portuguesa, ainda que a influência da *GRAE*, pela data da sua edição *princeps* (1771), esteja naturalmente mais circunscrita em termos cronológicos. Seja como for, nas gramáticas do *corpus*, as referências ao Brocense aparecem pela primeira vez em Argote (1721), pelo que nem sequer a obra de Francisco Sánchez percorre os três períodos considerados. De facto, tal não acontece com nenhum autor do *corpus*, embora S. Isidoro de Sevilha, sendo mencionado em textos de dois períodos (o primeiro e o terceiro), seja aquele cuja influência é visível por mais tempo. Surpreende, por outra parte, a escassez de referências a Antonio de Nebrija, especialmente a total ausência destas no primeiro período considerado. De facto, seria expectável encontrá-las, se considerarmos o papel que Schäfer-Prieß (no prelo) atribui ao gramático castelhano afirmando que “no ponto de partida da gramaticografia portuguesa esteve o importantíssimo modelo do espanhol Nebrija com a sua *Gramática castellana*”. Contudo, como ilustra a referida investigadora (Schäfer-Prieß, no prelo) ou ainda Buescu (1971) ou Ponce de León Romeo (2006), o seu impacto é visível – como acontece, por exemplo, na obra de Barros –, embora não se registre qualquer menção a Nebrija.

Recorde-se que o presente trabalho apenas se reporta às fontes expressas pelo que não se deverá confundir a visibilidade destes autores nas obras estudadas, com a sua real influência na tradição portuguesa. Para relativizar, a esta luz, o valor das referências e omissões, será oportuno



recordar, a título de exemplo, os estudos de Assunção (1998, 2007) sobre a repercussão da *GRAE* em Lobato ou de Schäffer-Prieß (2005) sobre a projeção da obra académica em Fonseca e em Barbosa. No entanto, sendo o objeto do presente estudo exclusivamente os dados explícitos, as conclusões dirão estritamente respeito à visibilidade das fontes. Tal visibilidade forma parte dessa influência, mas não se confunde com ela nem se esgota na mesma. Cabe, igualmente, relativizar cronologicamente o valor das referências visíveis, já que a prática de identificar as fontes é relativamente recente. Tal situação, aliás, ganha maior relevância quando se constata que o número de autores e de referências vai aumentando ao longo da cronologia estabelecida. Relacionada ainda com as práticas de citação está também, em alguns casos, a incapacidade para determinar com total segurança se o contacto com as fontes se realizou por via direta ou indireta, uma vez que também a preocupação por precisar essa informação e delimitar as citações é igualmente um fenómeno recente. De todas as formas, a tónica no visível (nas referências explícitas) propicia, em princípio, informação mais fiável sobre a intencionalidade nos distanciamentos ou aproximações teóricas relativamente aos modelos seguidos ou questionados.

De tal se trata no quadro n.º 3, onde se apresentam como apreciação positiva (+) as situações de convergência/coincidência teórica com a fonte ou aquelas em que esta simplesmente aparece explicitamente avalada como fidedigna ou autorizada (seja globalmente, seja no tocante a determinada matéria em concreto). Inversamente, interpretam-se como apreciação negativa (-) os casos de divergência teórica com a fonte e/ou de crítica explícita aos autores citados. Naturalmente, contabilizam-se também os casos em que não se exprime uma apreciação clara, aqueles em que se procura uma posição de isenção ou ainda aqueles em que há total ausência de dados (+/ -). Note-se que, naturalmente, o número de apreciações no quadro n.º 1 não coincide necessariamente com o total de referências identificadas no quadro n.º 3, já que pode registar-se mais de uma apreciação numa mesma citação, e já que num mesmo autor podem encontrar-se apreciações contraditórias sobre uma determinada fonte.

Nos fragmentos analisados, a apreciação que prevalece relativamente à tradição espanhola é claramente a positiva, sendo o Brocense o autor que reúne um maior número de apreciações positivas, no que é seguido pela RAE, o que vem reforçar o que já ficou dito sobre a importância destas duas figuras na tradição nacional de comentários sobre o castelhano. Por outra parte, a



RAE é também a fonte que reúne um maior número de apreciações negativas, o que parece coerente com um quadro em que aparece algumas vezes como referência para autores com distinto alinhamento doutrinal – ou seja, o racionalista, por oposição ao cunho normativo-descriptivo da *GRAE* – mas que, apesar disso, reconhecem a autoridade da obra académica como referente imprescindível.

3.2. Nas ortografias

A seguir procurar-se-á sistematizar, relativamente aos tratados metaortográficos, o mesmo tipo de dados recolhidos sobre os tratados metagramaticais, pelo que se reproduzirá aqui a estrutura das tabelas e quadros que se têm vindo a apresentar. Desta forma, o quadro n.º 4, reúne o conjunto de dados globais sobre as fontes espanholas recolhidos nos textos que conformam o *corpus* de ortografias.

Objetivamente, os números indicam uma progressiva redução das referências a fontes castelhanas ao longo da tradição ortográfica portuguesa que precede a primeira gramática do espanhol em Portugal. Na realidade, uma vez mais, há que matizar e contextualizar os números, já que a exponencial prevalência de alusões a textos de autores castelhanos no século XVII se concentra na obra de Barreto. Se relativizarmos o número de referências dadas por este autor – as quais, aliás, têm sido apontadas por investigadores como Gonçalves (2003) como um traço de singularidade, numa época em que não é prática corrente a identificação das fontes –, na verdade, nos períodos seguintes, a situação não se altera significativamente no que concerne à escassez de referências a autores castelhanos. Com efeito, em cada um dos três períodos apenas são detetáveis em um ou dois textos do *corpus*.

No quadro n.º 5, torna-se evidente que os autores espanhóis mais citados se enquadram numa orientação teórica que, em termos amplos, podemos considerar como *racionalista*: são eles, por ordem decrescente de citação, Bartolomé Jiménez Patón e Sánchez de las Brozas. Contudo, nenhum destes dois autores está entre as fontes espanholas citadas por mais ortógrafos. Na verdade, a maioria dessas fontes aparece referida apenas numa obra do *corpus*, ainda que haja casos (o da RAE e o de San Isidoro) que figuram em duas obras. Nenhum dos autores citados percorre tão-pouco os três períodos estabelecidos. Curiosamente, tal como foi apontado



relativamente às gramáticas, é S. Isidoro que apresenta mais constância ao longo da cronologia definida e é ele também que concentra mais apreciações positivas, como se observa no quadro n.º 6. Conforme se ilustra no mesmo quadro, as apreciações deste tipo são, aliás, as que prevalecem globalmente de forma evidente.

4. Notas conclusivas

Finalmente, cumpre deixar aqui algumas notas sobre o conjunto do *corpus*, cotejando os resultados nos dois grupos de tipologias estudados.

O número de autores citados não difere significativamente (treze, nas gramáticas; dezasseis, nas ortografias), mas já no que toca ao período que oferece mais comentários sobre o castelhano, os resultados não são exatamente coincidentes, nem tão-pouco desprovidos de complexidade: enquanto que nos tratados gramaticais é no final da periodização (séculos XVIII-XIX) que se concentram esses comentários, já nas ortografias tal parece acontecer mais propriamente no seu início (objetivamente, no século XVI, ainda que concentrados num único autor).

Por sua vez, também não coincidem exatamente os dois grupos de tipologias no atinente à época a que pertencem as suas fontes: ao passo que, no caso das gramáticas, a maioria dos autores citados publicou as suas obras entre os séculos XVII e XVIII, no caso dos tratados ortográficos, as obras citadas, na sua maioria, são um pouco anteriores (XVI-XVII).

Num e noutro caso, tal poderá estar relacionado com um diferente nível de desenvolvimento do debate ortográfico em cada uma das duas tradições em confronto, já que, na ortografia espanhola, a opção definitiva por um princípio ortográfico foneticista precede significativamente tal opção na ortografia portuguesa.

No que concerne à repercussão de fontes concretas, o autor mais claramente representado no conjunto do *corpus* é o Brocense, ainda que, no caso das ortografias, figure em segundo lugar na escala, logo depois de Bartolomé Jiménez Patón. Por outra parte, no caso das gramáticas, o segundo lugar em número de referências não está ocupado por uma fonte racionalista, mas sim pelas obras académicas.

Já no que respeita a uma maior representatividade ao longo da cronologia definida, em ambos os grupos se destaca a figura de San Isidoro. Do mesmo modo, em ambos os casos, o



maior número de representações positivas está vinculado ao nome do gramático mais citado, se bem que, no caso dos tratados metagramaticais, a segunda fonte mais citada (a *GRAE*) é também aquela que concentra o maior número de críticas. Se considerarmos os resultados de ambos os grupos no seu conjunto, é o nome de Sánchez de la Brozas que se destaca, pela sua presença e apreciação positiva na tradição metalinguística portuguesa.

Referências

i) fontes primárias - *corpus*

Andrade, João Nunes de (1841) *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por systema philosophico*. Lisboa: Tip. de António Sebastião Coelho.

Andrade Júnior, Francisco de (1844) *Principios de Grammatica Portugueza, coordenados por Francisco de andrade Junior*. Funchal: Tip. Nacional.

Aragão, Manuel Pedro Tomás Pinheiro e (1812) *Memorias Curiosas para a Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, compostas e arranjadas para uso dos alumnos*. Lisboa na Imp. Régia.

Argote, Jerónimo Contador de (=Caetano Maldonado da Gama) (1721) *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Lingua Latina, Disposiçam para Facilitar o Ensino da Lingua Latina pelas Regras da Portugueza, Composto pelo Padre Caetano Maldonado da Gama*. Lisboa Occidental: na Officina de Mathias Pereyra da Sylva, & João Antunes Pedrozo.

Arneiro, Jaulino Lopes (1827) *Grammatica Portugueza em Analogia com as Linguas de que Toma Origem, principalmente Latina e Grega*. Lisboa: Tip. de Desiderio Marques Leão.

Bacelar, Bernardo de Lima e Melo (=Bernardo de Jesus Maria) (1783) *Grammatica Philosophica, e Orthographia Racional da Lingua Portugueza*. Lisboa: na Offic. de Simão Tadeu Ferreira.

Barbosa, Jerónimo Soares (1822) *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios de Grammatica Geral applicados á Nossa Linguagem. Publicada de Ordem da*



Academia Real das Sciencias. Lisboa: na tip. da mesma Academia.

Barreto, João Franco (1671) *Ortografia da Lingua Portugueza*. Lisboa: João da Costa.

Barros, João (1540) *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Luis Rodrigues.

Cardoso, Francisco Nunes (1788) *Arte ou Novo Methodo de ensinar a ler por meio da Estampa, a que se prepoim hum novo systema da sua orthografia*. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Cardoso, Francisco Nunes (1790) *Arte da Orthografia Portugueza conforme o novo systema*. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Carmelo, Luís de Monte (1767) *Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia, e Prosódia, isto he, a recta pronunciaçam, e accentos proprios, da Lingua Portugueza : accrescentado com outros novos Catalogos, e explicaçam de muitos Vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos escritores portuguezes; de todos os Termos Vulgares menos cultos, e mais ordinarios, que sem algũa necessidade nam se devem usar em Discursos eruditos, das Frases, e Dicçoens Cómicas de mais frequente uso, as quaes sem hum bom discernimento nam se-devem introduzir em Discursos graves, ou sérios; e finalmente dos Vocabulos, e diversos Abusos da Plebe, mais conhecidos, e contrarios ao nosso Idioma, os quaes se devem corrigir ou evitar*. Lisboa: na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

Carneiro, Manuel Borges (1820) *Grammatica, Orthographia e Arithmetica Portugueza, ou Arte de Falar, escrever e contar*. Lisboa: na Imp. Régia.

Casimiro. João Joaquim (1792) *Methodo Grammatical Resumido da Lingua Portugueza*. Porto: na Offic. de António Álvares Ribeiro.

Codesso, Joaquim Pereira (1826) *Breve Tractado da Orthographia para os que frequentão os Estudos ou Dialogo sobre as mais principaes regras da Orthographia util para o Povo menos instruido, e para os que não tendo frequentado as Aulas, se achão já empregados nos Escriptorios publicos, e desejão acertar na prática sem grande multiplicidade de regras, que lhes são difíceis de comprehender, e muito mais proveitoso aos Meninos, que frequentão as Eschólas. Método conciso, claro, e facillimo*. Lisboa: typog. de R. J. de Carvalho.



Costa, Rodrigo Ferreira da (1818) *Tratado de Orthographia Portugueza deduzida das suas tres bases, a pronunciaçãõ, a etymologia e o uso dos doutos, e accomodados a inteligencia das pessoas que ignoram o grego e o Latim*. Lisboa: na Impressão Regia.

Coutinho, Luís Gonçalves (1824 [1811?]) *Resumo de Grammatica e Orthographia da Lingua Portugueza*. Lisboa: na Imp. da Rua dos Fanqueiros.

Daniel, Domingos Dionísio Duarte (= João Pinheiro Freire da Cunha) (1769) *Breve Tratado da Orthographia*. Lisboa: Off. de José da Silva Nazareth.

Feijó, João de Moraes Madureira (1734) *Orthographia, ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portugueza*. Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues.

Fonseca, Pedro José da (1799) *Rudimentos da Grammatica Portugueza. Portugueza commodos á instrucção da mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons auctores*. Lisboa: na Offic. de Simão Tadeu Ferreira.

Fonseca, Pedro José da (1809) *Rudimentos da Orthographia*. Lisboa: na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo.

Leão, Duarte Nunes de (1576) *Orthographia da lingoa portuguesa*. Lisboa: por João da Barreira.

Lima, Luis Caetano de (1736) *Orthographia da Lingua Portugueza*. Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.

Lobato, Antonio José dos Reis (1770) *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Na Régia Oficina Tipográfica.

Melo, João Crisóstomo do Couto e (1818) *Gramática Filosófica da Linguagem Portuguêsa*. Lisboa: na Impressão Régia.

Pereira, Bento (1666) *Regras Gerays, breves, & comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portugueza*. Lisboa: por Domingos Carneyro.

Silva. António de Moraes (1806) *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*. Lisboa: na Offic. de Simão Tadeu Ferreira.

Silva, Joaquim José Ventura da (1834) *Orthographia da Lingua Portugueza, reduzida a regras geraes e especiaes, etc. com um appendice, e um novo methodo de ensinar e aprender a*



ler o portuguez. Lisboa: Imprensa Nacional.

Sousa, Joaquim José Caetano Pereira e (1807) *Noções sobre a Ortografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: na Typografia Lacerdina.

Sousa, Manuel Dias de (1804) *Grammatica Portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres grammaticos conhecidos, assim nacionaes como estrangeiros*. Coimbra: na Imp. da Universidade.

Souto-Maior, Francisco Félix Carneiro. 1783. *Orthographia Portugueza, ou Regras para escrever certo, ordenadas para uso de quem se quizer applicar*. Lisboa: na Of. Pat. de Francisco Luiz Ameno.

Vera, Álvaro Ferreira de (1631) *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa*. Lisboa: Mathias Rodriguez.

Vieira, Carlos Augusto de Figueiredo (1844) *Ensaio de Orthographia Portugueza contendo: uma exposição, bases e regras orthographicas, abundante vocabulario, os nomes proprios, os homnymos que se distinguem pela orthographia, notas &c*. Porto: Typographia Commercial.

Vieira, Carlos Augusto de Figueiredo (1854⁶ [1841]) *Compendio elementar da Grammatica Portugueza*. Porto: Ana de Fonseca e Figueiredo.

ii) fontes primárias – outras

Peixoto, Nicolau António (1848) *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes, dada á luz por Nicolau António Peixoto*. Porto: Typ. Commercial.

iii) secundária

Assunção, Carlos (1998) Gramaticalismo Português Setecentista e a *Gramática de la Lengua Castellana* da RAE. In *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 103-115.

Assunção, Carlos (2007) As primeiras gramáticas escolares vernáculas oficiais de Espanha e Portugal. In Ángel Marcos de Dios (coord.). *Aula ibérica: Actas de los congresos de Evora y*



Salamanca. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 281-292.

Buescu, Maria Leonor Carvalhão (ed.) (1971) Introdução a Barros, João (1971[1540]) *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem, Diálogo da Viciosa Vergonha. João de Barros*. Edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu: reprodução fac-similada, leitura, introdução e notas. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1983) *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Cardoso, Simão Cerveira. 1994. *Historiografia Gramatical (1500-1920). Língua Portuguesa - Autores Portugueses*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Duarte, Sónia (2008) *O contributo de Nicolau Peixoto para o ensino do Espanhol em Portugal: edição crítica da Grammatica Hespanhola para uso dos portugueses*. Tese de mestrado. Évora: Departamento de Linguística e Literaturas - Universidade de Évora.

Duarte, Sónia (2010) Recensão de [Marina Maquieira. 2008 Gramma-Temas 3: España y Portugal en la Tradición Gramatical. León: Área de Publicaciones de la Universidad de León](#). In Infoling. Edição electrónica: <http://www.infoling.org/informacion/Review76.html> (última consulta: 22/03/2016) .

Duarte, Sónia (no prelo) El castellano en portugués (siglos XVI-XIX): una mirada a la gramaticografía y ortografía portuguesas desde el marco teórico de la cuestión de la lengua en Portugal. Comunicação ao *X Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Cáceres, 2, 3, 4 de setembro de 2015 (aceite para publicação).

Franco, José Eduardo & Silvestre, J. P. (2012) *Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira*. Fac-simile, edição actualizada e anotada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

García Martín, Ana María (2007) Sobre la referencia al castellano en la tradición gramatical del portugués. In Ángel Marcos de Dios (coord.). *Aula ibérica: Actas de los congresos de Evora y Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 209-218.

Gonçalves, Maria Filomena (2000) Presenças castelhanas na gramaticografia portuguesa seiscentista e setecentista. In Juan Manuel Carrasco González; Maria Luísa Trindade Madeira



Leal & Fernández García, María Jesús (coords.). *Actas del I Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – 1er Encuentro Internacional de lusitanistas Españoles: Cáceres, 10, 11 y 12 de noviembre de 1999*. II. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 917-936.

Gonçalves, Maria Filomena (2003) *As ideias ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Kemmler, Rolf (2001) Para uma história da ortografia portuguesa: o texto meta-ortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911”. *Lusorama* 47-48. pp. 128-319.

Ponce de León Romeo, Rogelio (2006) Notas sobre la presencia de la gramática y de los gramáticos españoles en la gramaticografía portuguesa (siglos XVI-XVIII). *Romanistik in Geschichte und Gegenwart* 2 (12), pp. 147-165.

Rodríguez, José Luis (2005) Visões do outro. O castelhano na óptica dos linguistas portugueses de Quinhentos. In Miguel Gonçalves *et al.* In *Gramática e Humanismo: Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*. I. Braga: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica, pp. 591-614.

Schäffer-Prieß, Barbara (2005) Gramaticografia em contacto: as gramáticas portuguesas de Pedro José da Fonseca e Jerónimo Soares Barbosa e a *Gramática de la lengua castellana* da Real Academia Española de 1771. *Estudios Portugueses: revista de filología portuguesa* 5. pp. 129-136.

Schäfer-Prieß, Barbara (no prelo) *A Gramaticografia Portuguesa de 1540 até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*. Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora.

Stegagno-Picchio Luciana (ed.) (1959) La questione della lingua in Portogallo. In *João de Barros, Diálogo em louvor da nossa Linguagem*. Modena: Soc. Tipográfica Modonese, pp. 57-68.

Vasconcellos, José Leite de (1929) A Filologia Portuguesa Esboço Histórico. In *Opúsculos. IV. Filologia*. Parte II. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 839-919.

Vázquez Corredoira, Fernando (1998) *A construção da língua portuguesa frente ao*



castelhano – o galego como exemplo a contrario. Santiago de Compostela: Edicións Laivento.

Anexo

| Período | Textos | Referências | Total |
|--|-----------------------------------|-------------|-------|
| Do século XVI ao final do XVII | Barros (1540) | 1 | 1 |
| De inícios do século XVIII a 1779 | Gama (=Argote) (1721) | 1 | 14 |
| | Lobato (1770) | 13 | |
| De 1779 a 1848 | Bacelar (1783) | 2 | 19 |
| | Casimiro (1792) | 0 | |
| | Fonseca (1799) | 0 | |
| | Sousa (1804) | 1 | |
| | Silva (1806) | 0 | |
| | Coutinho (1824 [1811?]) | 0 | |
| | Aragão (1812) | 1 | |
| | Melo (1818) | 2 | |
| | Carneiro (1820) | 0 | |
| | Barbosa (1822) | 11 | |
| | Arneiro (1827) | 1 | |
| | Andrade (1841) | 1 | |
| | Vieira (1854 ⁶ [1841]) | 0 | |
| | Andrade Júnior (1844) | 0 | |

Quadro n.º 1: distribuição global das referências a fontes espanholas

